

A RELAÇÃO ENTRE A PERVERSÃO DE MARQUÊS DE SADE E A SUBLIMAÇÃO: UMA POSSÍVEL INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA

THE RELATIONSHIP BETWEEN MARQUIS DE SADE'S PERVERSION AND SUBLIMATION: A POSSIBLE PSYCHOANALYTIC INTERPRETATION

Suelen Stefhani Ceccon¹
Fernanda Garbelini de Ferrante²

RESUMO

Marquês de Sade viveu entre uma aristocracia libertina e a repressão sexual burguesa. Devido ao seu comportamento de atrocidades, foi conhecido como o mais devasso dos libertinos da França. Foi denunciado por seus hábitos e confinado, obrigado a renunciar seus atos. Escreveu obras que são consideradas uma teoria das perversões. Em liberdade, continuou a escrever e seu comportamento contrastou com sua vida pregressa. Objetiva-se discutir sobre sua vida e a obra "A Filosofia na Alcova" (1795) e fazer uma articulação entre sublimação e perversão. Esta pesquisa é uma revisão bibliográfica com base psicanalítica. Inicialmente, apresenta-se o conceito da estrutura perversa e a sua relação com Sade e suas obras. Posteriormente, será mencionado o conceito de sublimação para Freud e Lacan. Ambos concordam que se há mudança na pulsão, é possível atingir certa satisfação. Porém, a sublimação contém impasses na psicanálise que dificultam afirmar se ele conseguiu sublimar por meio de suas obras.

Palavras chave: Marquês de Sade; perversão; sublimação; sadomasoquismo; psicanálise.

ABSTRACT

Marquis de Sade lived between a libertine aristocracy and bourgeois sexual repression. Due to his atrocious behavior, he was known as the most impudent of the libertines in France. He was denounced by his habits and confined, forced to renounce his acts. He wrote works that are considered a theory of perversions. In freedom, he continued to write and his behavior contrasted with his previous life. The aim is to discuss about his life and the work "Philosophy in the Boudoir" (1795), to make a link between sublimation and perversion. This research is a literature review based on psychoanalysis. The concept of the perverse structure and its relationship with Sade and his works are first presented. Later, the concept of sublimation for Freud and Lacan will be mentioned, both agree that there is a change in the drive, it is possible to achieve certain satisfaction. However, sublimation contains impasses in psychoanalysis, which make it difficult to ascertain whether he was able to sublimate through his works.

Keywords: Marquis de Sade; perversion; sublimation; sadomasochism; psychoanalysis.

¹ Psicóloga. Egressa do curso de Psicologia do Centro Universitário Autônomo do Brasil – Unibrasil. Endereço: R. Konrad Adenauer, 442 – Taramã – Curitiba – PR. E-mail: suelen.ceccon@hotmail.com.

² Mestre em Psicologia pela USP, docente do Centro Universitário Autônomo do Brasil - UniBrasil. Endereço: R. Konrad Adenauer, 442 – Taramã – Curitiba. E-mail: fernandaferrante@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Foi exatamente no cerne do ideal libertino que cresceu o Marquês de Sade. Desde seu nascimento, em 1740, viu-se cercado por devassos de uma nobreza arrogante, cujo prazer era primordial. No início do século XVII, havia maior liberdade a respeito do sexo, que vigorava discurso sem vergonha. É, portanto, no fim do século XVIII, e com a chegada do individualismo burguês, que a perversão se torna a experiência de uma desnaturalização da sexualidade.

Nesse sentido, o sexo deveria ser apenas para a reprodução, e o prazer passa a ser considerado um desvio da normalidade, ou seja, algo pervertido. Esse dispositivo de controle sobre a sexualidade teve como fundo a ascensão do modelo capitalista. Desta forma, a energia humana estaria focada para a produção, para o trabalho e o prazer fica em segundo plano. Outro dispositivo que opera sobre a sexualidade é a Igreja que coloca sexo como pecado, ao menos que seja realizado por casais casados, heterossexuais e com fins de procriação. Um terceiro é a medicina, que nomina o que é “normal” e “correto”, com quem e como se deve fazer sexo ou ter prazer, e tudo o que desvia disso passa a ser patologia. Nesse momento, foi levado em conta o que seria normalidade, e tudo o que não se encaixava deveria ser punido de alguma forma. As pessoas que não se enquadravam no que era considerado normal não eram somente encontradas nas prisões, mas também em asilos (FOUCAULT, 1988).

A sexualidade e a maneira de lidar com ela envolve o contexto no qual a pessoa está inserida. No entanto, conforme André (1995), Sade ia além se comparado com um libertino, pois os libertinos queriam passar uma mensagem que ter prazer é algo que não deveria ser proibido. Sade, em seus escritos, atravessava o limite do prazer.

De acordo com Miller (1997), Lacan analisou as obras do Marquês de Sade, pois através da literatura foi capaz de articular a fantasia na perversão de uma maneira mais completa. Para Lacan (1959-1960, p. 240), a respeito das obras do Marquês de Sade:

Obra não ultrapassável, disseram, no sentido de um absoluto do insuportável do que pode ser expresso por palavras no que se refere à transgressão de todos os limites humanos. Pode-se admitir que em nenhuma literatura, de tempo algum, houve uma obra tão escandalosa. Ninguém feriu mais profundamente os sentimentos e os pensamentos dos homens.

Conforme Roudinesco (2008), a perversão é uma necessidade social quando é voltada para a criação ou então para a arte, pois nessa estrutura clínica é possível elaborar conteúdos que são inconfessáveis para a maioria das pessoas. Esse relato da autora faz pensar se o perverso é capaz de sublimar, o que leva a seguinte questão: se pensarmos Sade como um sujeito de

estrutura perversa, será possível que as suas obras sejam uma forma de sublimação? O presente artigo propõe descrever a vida do Marquês de Sade e a sua relação com as suas obras literárias e, a partir desse contexto, tem como objetivo analisar se é possível pensar que o perverso seja capaz de sublimar.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa descritiva e se pauta em uma revisão bibliográfica com foco nas teorias de Sigmund Freud e de Jacques Lacan, articuladas com demais autores de base psicanalítica que apresentam em sua literatura aspectos que elucidam sobre a sublimação e a perversão, estabelecendo a relação da vida de Marquês de Sade com suas obras, tendo como alicerce a escrita de “A Filosofia na Alcova” (SADE, 1795) e, por conseguinte, trazer à tona se é possível acontecer sublimação na estrutura perversa.

2. A ESTRUTURA PERVERSA

Sade, em “A Filosofia na Alcova” (1795), escancarou a violência extrema e depreciou todas as virtudes que há na sociedade. Desaprovou a religião, os bons costumes e os puros sentimentos de família. Colocou a prostituição, o adultério, o incesto, o estupro e a sodomia como instrumentos de extremo prazer e que de maneira alguma deveriam ser proibidos. Descreveu que a natureza do homem é destrutiva e que a civilização o desumaniza, o impedindo de agir naturalmente. Afirmou não haver coerência nem motivo para tanta repressão a respeito do prazer ao infligir a dor, pois negar tal prazer é ir contra a natureza, como descreve na passagem a seguir:

Que nossa sensibilidade fique toda reservada aos prazeres! Sejamos sensíveis tão somente ao que fala aos nossos sentidos, à nossa volúpia; esqueçamos o resto inflexivelmente. Desse estado resulta uma espécie de crueldade que tem suas delícias. Nem sempre é possível fazer o mal, entretanto, privados desse prazer, tenhamos ao menos a sensação agradável e picante de nunca fazer o bem (SADE, 1795, p. 17).

Nos “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (1905) discorreu sobre a inclinação que alguns indivíduos têm para infligir dor ao objeto sexual e de também receber o mesmo tratamento. Essas manifestações de forma ativa e passiva foram denominadas por Krafft-Ebing de “sadismo” e “masoquismo”. Conforme Miller (1997), o termo “sadismo” deriva do nome Donatien Alphonse François de Sade (Marquês de Sade), foco de nosso estudo, e “masoquismo” é tomado de um escritor chamado Sacher – Masoch.

O sadismo aparece com frequência na linguagem corriqueira, especialmente quando se remete a uma atitude violenta para com o objeto sexual, mas quando acontece como uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição de sadismo e masoquismo é que merece o nome de perversão. Essas duas formas ativa e passiva são, com frequência, encontradas juntas numa mesma pessoa (FREUD, 1905). Nas obras do Marquês de Sade, é possível perceber a relação em como o flagelante e flagelado trocam constantemente de papel:

Minha opinião seria que todos nós nos flagelássemos, enquanto isso Madame de Saint-Ange faria com que Lafleur metesse com mais ardor nessa velha babaca; eu flagelaria Madame, Agostinho me flagelaria, Eugénie flagelaria Agostinho, que será vigorosamente flagelado por Mirval. (Assim fazem. Quando Lafleur acaba de foder na frente, o patrão ordena-lhe que o faça no traseiro) (SADE, 1795, p.81).

A respeito de como ocorre o funcionamento psíquico da perversão, é preciso elucidar sobre o fetiche que, de acordo com Freud (1927), é a maneira pela qual o perverso encontra para recusar a diferença dos sexos e assim evitar a angústia da castração. O fetiche é o substituto do pênis que foi importante na primeira infância, mas depois perdido. Conforme o autor, o fetiche é um substituto do pênis da mãe, uma maneira em que há a recusa de perceber que a mulher não tem pênis. Através do fetiche, fica a ideia de que a mulher teve um pênis, mas esse pênis não é mais o mesmo, como se outra coisa tomou o seu lugar e serviu para ser seu substituto.

Dessa maneira, há duas representações opostas no inconsciente: a mãe tem um pênis e a mãe não tem um pênis, assim o fetiche recusa e ao mesmo tempo admite a castração. Num primeiro momento, na perversão, acontece a recusa da castração e em seguida o recalque da recusa que teve como manobra manter a mãe fálica através do deslocamento do interesse pelo pênis para um outro objeto que representa o falo, e do fetiche pode ser deduzido dois tipos clínicos da perversão que são o sadismo e o masoquismo (CASTRO; RUDGE, 2003).

Dentro do ritual sadomasoquista, o que está em jogo é uma espécie de encenação da castração. Um dos parceiros ficará com o papel de sujeito pecador, enquanto ao outro ficará com a posse de dignidade de poder que ele investe sobre o parceiro. O que se passa entre eles é a tentativa de deixar a marca no corpo do outro que vem para rasgar e abrir a pele do corpo, com a intenção de reproduzir a mutilação original que num determinado momento representou a ausência do pênis na mãe (SPAIRANI, 2003).

Nesse cenário, é possível traçar um sentido particular da recusa: o horror à castração é transformado em via única do gozo, assim o perverso consegue, através de uma encenação da

castração, ter acesso ao seu gozo, não importando se ele oferece seu corpo à flagelação ou se flagela o corpo do outro. O desafio na perversão, diferente da recusa, encontra-se no descritivo. A recusa necessita que se abra a barreira do inconsciente para ser entendida, e o desafio é presente no próprio comportamento do perverso (SPAIRANI, 2003).

O perverso coloca o outro como puro objeto à sua disposição, fazendo com que fique submisso à sua vontade. Recusado tanto como sujeito da palavra, quanto sujeito do desejo, toma-o apenas como objeto de satisfação. Spairani (2003, p. 66) mostra exemplos os quais agem a recusa e o desafio:

O que o perverso vem demonstrar é que nem a castração nem o horror podem se opor ao gozo; que castração e horror são corolários indispensáveis do gozo, da mesma forma que a sobrevivência da vítima, como também a integridade do corpo sempre reencontrada (lembro-lhes, por exemplo, a função do bálsamo mágico em *Justine*, essa substância milagrosa que toca os corpos das vítimas e apaga deles o traço de toda ferida) provam que a castração se anula no próprio momento em que ela se realiza.

O perverso quer desafiar a realidade do sexo feminino usando o fetiche em sua função de véu, de tal modo que a dor é prazer e a castração é uma maneira de acontecer o gozo. Em “A Filosofia na Alcova” (1795) as mulheres, assim como os homens, devem ser sodomistas e serem sodomizadas na tentativa de diluir a diferença entre os sexos que, conforme Roudinesco (2008, p.51), nas escritas de Sade, “[...] as mulheres ejaculam, se excitam e enrabam como os homens”.

2.1. A RELAÇÃO DO PERVERSO COM O GOZO

Lacan (1959-1960) comentou sobre o mandamento religioso “amarás a teu próximo como a ti mesmo”. E através do texto “Mal-estar na Civilização” de Freud, formulou que o gozo é um mal porque quer o mal do próximo, pois a tendência nativa do homem é a maldade, a agressividade, a destruição e a crueldade. Inclusive, chegou a comparar um trecho de “Mal-estar na Civilização” com a escrita sadiana e disse que poderia facilmente confundir uma obra com a outra. Freud, em “Mal-estar na Civilização”, pronunciou que:

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu

consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo (FREUD, 1930 [1929], p. 117).

Em “A Filosofia na Alcova” (1795), há trechos semelhantes ao texto “Mal-estar na Civilização”:

Cada um de nós não é para si mesmo o mundo inteiro, o centro do universo? Nem me falem na voz quimérica que diz "não façais aos outros o que não quereis que se vos faça". Grandes imbecis! A natureza não nos aconselha outra coisa senão que gozemos, que nos divirtamos; não conhecemos outro impulso, outra aspiração. Nunca devemos nos incomodar com o que pode suceder aos outros... A natureza é a nossa mãe e só nos fala de nós mesmos, sua voz é a mais egoísta. O mais claro conselho que nos dá é que tratemos de gozar, de nos deleitar, mesmo a custo de quem quer que seja! Os outros nos podem fazer o mesmo, é verdade, mas o mais forte vencerá. A natureza nos criou para o estado primitivo de guerra, de destruição perpétua, único estado em que devemos permanecer para realizar seus fins (SADE, 1795, p.31).

Freud (1930 [1929]) explicou que a civilização exige sacrifícios árduos em relação à sexualidade e à agressividade do homem. Por esse motivo, há grande dificuldade em ser feliz. O homem civilizado trocou parte de sua felicidade por uma segurança, e o mandamento “amarás a teu próximo como a ti mesmo” constitui a defesa mais forte contra a agressividade humana. De acordo com Metzger (2014), esse mandamento cristão tem como finalidade impedir o acesso ao gozo, isto é, tenta impedir que se goze do outro e o faça como objeto de destruição e humilhação, e esse gozo é barrado pela Lei que é respondida em parcela pelo Supereu³.

De acordo com Chaves (2004), a resposta perversa referente ao pai e à castração simbólica, como já foi abordado, é a recusa da castração e da Lei do pai. O perverso sabe, mas recusa esse saber de uma maneira que ao mesmo tempo que afirma também desdiz ao seu respeito. O Supereu formado a partir daí é o Supereu arcaico, surgido do trauma que presenciou a respeito da falta da mãe. Esse Supereu arcaico impõe uma Lei contraditória, que segundo o autor, é chamada de uma lei perversa. Todos gozam, mas essa satisfação é sempre parcial, pois a entrada da linguagem impossibilita então o gozo absoluto, da felicidade extrema. O perverso almeja o gozo absoluto, tenta assim recusar a castração simbólica. Conforme Martinho (2011), o gozo é essencial ao perverso para tapar o furo do Outro: a castração que ele persiste em recusar.

³ O Supereu é o herdeiro do complexo de Édipo que ocorre através da presença do Nome-do-Pai, que ocasionará uma destruição imaginária a qual mãe e criança são um só e de que esta ocupa o lugar do falo da mãe. Mais tarde há a intervenção do pai que ocasionará a castração. Graças a essa mediação paterna surge a proibição do incesto e a introjeção da Lei (BARRETO; ADEODATO, 2012).

2.2. CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO

A sublimação é um conceito debatido dentro da psicanálise, pois há impasses ao seu respeito. Há relatos de que o artigo metapsicológico da sublimação, escrito por Freud, foi perdido. O sumiço dessa obra talvez não seja mera coincidência, pois pode estar ligado a uma grande dificuldade de conseguir definir o que é sublimação (METZGER, 2014).

Entretanto, em “Os Instintos e suas Vicissitudes” (1915), Freud falou sobre a natureza das pulsões, que atuam com uma força constante e tem origem no próprio organismo do sujeito, por esse motivo não é possível negá-las. A pulsão está localizada na fronteira entre o mental e o somático, liga o corpo e o psiquismo e é caracterizada como uma “necessidade”. Sua eliminação acontece através da satisfação.

É uma força exercida em direção a um objeto que tem como finalidade sua satisfação. Quando alcançada, essa pressão é eliminada; este objeto por sua vez, é variável. E justamente por haver a mediação deste objeto para a satisfação da pulsão é possível que haja a sublimação. Os destinos da pulsão podem ocorrer de quatro formas: em reversão a seu oposto; em retorno em direção ao próprio eu do indivíduo; em repressão e na sublimação (FREUD, 1915).

No texto “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”, Freud (1910) cita a curiosidade das crianças ao chegar ao final do desenvolvimento psíquico-sexual no qual a pulsão terá destinos diferentes. Entre eles, há o tipo mais raro e o mais perfeito, pois consegue escapar da inibição do pensamento, a sublimação. Aqui, de acordo com o autor, a libido consegue escapar da repressão sendo assim sublimada, e a pesquisa sexual infantil pode servir como substituta para a atividade sexual. Freud ressalta como a criação artística proporciona uma válvula de escape para os desejos sexuais. Esse resultado é obtido porque a pulsão sexual tem a capacidade de sublimação, sendo possível substituir seu objetivo imediato por outros que não são sexuais e que são mais valorizados socialmente.

Lacan (1968-1969) relata que Freud considera a sublimação uma modalidade de satisfação da pulsão que desvia de seu objetivo sexual. Conforme as palavras de Lacan (1968-1969, p. 215):

Isso é habitualmente traduzido imaginando-se que as obras que apreciamos, aquelas que adquirem um valor social, termo com que Freud acentua a coisa, são produzidas pelos autores à custa de sua satisfação sexual, e que há nisso sabe-se lá que substituição obscura [...]

Também destacou que nem toda sublimação é possível, que uma certa dose de satisfação acaba escoando, sem que resulte em algo muito grave. Lembrou também que a sublimação não

está presente apenas nas artes. E ainda elucidou que, para Freud, a sublimação é caracterizada por um desvio nos objetos e que não acontece por um retorno ao recaiado, que não aparece em sintoma. Essa satisfação, de acordo com Freud, é encontrada em objetos socialmente valorizados (LACAN, 1968-1969). É a partir daí que Lacan (1959-1960, p. 132) irá frisar qual é a problemática da sublimação: “O que a sociedade pode aí encontrar de satisfatório?”. Conforme as palavras do autor:

Reparem que não há avaliação correta da sublimação na arte se não pensamos nisto – que toda a produção da arte, especialmente das Belas-Artes, é historicamente datada. Não se pinta na época de Picasso como se pintava na época de Velásquez, não se escreve tampouco um romance em 1930 como se escrevia no tempo de Stendhal. Este é um elemento absolutamente essencial que não devemos, por enquanto, conotar no registro do coletivo ou individual – coloquemo-lo no registro do cultural (LACAN, 1959-1960, p.132).

Lembrando que não apenas questionou o estatuto da valorização social, mas também a relação com o objeto:

Não é que a coletividade as reconheça simplesmente como objetos úteis – ela encontra aí o campo de descanso pelo qual ela pode, de algum modo, engodar-se a respeito de *das Ding*, colonizar com suas formações imaginárias o campo de *das Ding*. É nesse sentido que as sublimações coletivas, socialmente reconhecidas, se exercem (LACAN, 1959-1960, p. 123).

A sublimação, portanto, estaria no ponto de encontro entre *das Ding*⁴ e os objetos imaginários. Desse modo, é possível entender que o objeto, em sua vertente imaginária, tem papel fundamental na medida em que pode fazer semblante de *das Ding*, ou mais do que isso, o objeto pode engodar o coletivo (METZGER, 2014).

Conforme Lacan (1959-1960), a sociedade consegue encontrar certa forma de felicidade nas miragens que, por exemplo, os artistas lhes oferecem. Pensando assim, de acordo com Metzger (2014), o objeto tem como função ser capaz de fazer um semblante de *das Ding*, podendo também atrair o coletivo, e é assim que pode surgir a valorização social.

⁴ O que é encontrado na Lei do incesto se relaciona com *das Ding*, a Coisa. O desejo pela mãe não pode ser satisfeito, pois ele é o fim da demanda. E na medida da função do princípio do prazer é fazer com que o homem sempre busque aquilo que não poderá atingir: *das Ding* é a mãe, o objeto do incesto que é proibido (LACAN, 1959-1960).

Os objetos seriam objetos imaginários, aqueles que, segundo Lacan (1959-1960), podem ser elevados à dignidade da Coisa, fazendo com que esses objetos possam ser uma espécie de semblante para “ocupar” o lugar impossível de *das Ding*.

Braustein (2007 *apud* METZGER, 2014, p. 47) comentou que *das Ding* é uma meta absoluta do desejo, um lugar em que se cumprirá a eliminação da falta-a-ser, com a tentativa de chegar ao estado de Nirvana. *Das Ding* é um vazio que não há como ser preenchido por objeto algum, e pelo fato de elevar o objeto à dignidade da Coisa não é o mesmo que ser a Coisa, nenhum objeto consegue ocupar seu lugar, mas apenas pode fazer com que ocorra uma ilusão de seu preenchimento (METZGER, 2014).

2.3. QUEM FOI MARQUÊS DE SADE?

Donatien Alphonse François de Sade cresceu numa época aristocrática em que era pregado o ideal libertino. Desde o seu nascimento, em 1740, presenciou a devassidão e a arrogância de uma aristocracia (ROUDINESCO, 2008).

Sade foi filho de um homem libertino e sodomita e de uma mãe que o entregou para morar ainda bem jovem com a amante de seu pai. Desde muito cedo, Sade gostava de infligir às outras crianças todo tipo de flagelação. Quando estava um pouco mais velho, foi mandado pelo seu pai para morar na comunidade de Saumane (França), lugar no qual as irmãs o trataram como se fosse uma verdadeira divindade, e mais tarde, quando colocado sob tutela de seu tio, foi iniciado a conhecer uma imensa cultura literária e histórica. Posteriormente, ao tornar-se tenente de um serviço do exército real, mostrou grande aptidão para o assassinato (ROUDINESCO, 2008).

O pai de Sade, quando se viu arruinado financeiramente, decidiu arrumar uma esposa para seu filho que fosse considerada rica. Dessa maneira, Sade casou-se com uma jovem burguesa chamada Renée-Pélagie. Ao morar na casa de sua sogra, não deixou de continuar mantendo o mesmo estilo de vida, além de infligir todo tipo de baixeiras, surras e injúrias à sua esposa que só aceitava tais atitudes por comando de sua mãe e também porque sentia-se poderosa ao lado do marido, como se Sade a permitisse viver acima das Leis. Mais tarde, foi denunciado por uma jovem operária grávida: após haver se flagelado, ejaculou num cálice e introduziu hóstias no ânus da garota, fazendo com que ela tomasse um laxante para então evacuar sobre um crucifixo (ROUDINESCO, 2008).

Foi preso no torreão do castelo de Vincennes, e lá decidiu escrever livros. Dois anos depois, ao ser solto, instalou-se no castelo de Lacoste, e passou a ser conhecido como o mais

devasso do reino da França por conta de suas atitudes e casos com inúmeras atrizes. A cada dia entregava-se mais aos atos de blasfêmia, flagelação e sodomia. Enquanto a sua esposa aceitava com repulsa a sodomia que lhe obrigava a praticar, também tinha que assistir Sade com atos de devassidão com criados, adolescentes e crianças. Antes de pegar a prática pela escrita, já havia transformado sua vida em matéria-prima de uma obra futura (ROUDINESCO, 2008).

Ao ser preso mais uma vez, mas agora por pedido de sua sogra, ficou encarcerado durante cinco anos em Bastilha, lugar que lhe permitiu viver cercado por uma biblioteca de 600 volumes. Nesse período, foi obrigado a renunciar a seus atos libertinos para dar lugar ao mais alto grau das liberdades: a liberdade de poder escrever tudo, esta que foi a única liberdade que estava ao seu alcance (ROUDINESCO, 2008).

Diante do que foi relatado até agora sobre Marquês de Sade, se o considerarmos como um sujeito de estrutura perversa que tem como característica recusar e desafiar a Lei para obter satisfação, poderá ser possível que ele tenha encontrado uma forma de satisfação através de um desvio do gozo absoluto? Será capaz de sublimar através de sua obra?

2.4. A RELAÇÃO DO MARQUÊS DE SADE COM SUAS OBRAS

Sade foi solto em 1790 com a abolição do Decreto da Assembleia Nacional, e nessa ocasião sua esposa pediu divórcio. Mesmo quando não estava mais enclausurado, continuou a escrever, declarando-se como autor de obras teatrais e ao mesmo tempo escrevia, clandestinamente, textos extremamente perturbadores (ROUDINESCO, 2008).

Em liberdade, Sade reagiu diferente do que foi esperado. Algo inusitado aconteceu nessa época: conseguiu viver de uma maneira diferente do Antigo Regime. Com uma modesta atriz, Sade, que outrora foi um libertino violento, conseguiu pela primeira vez ser um amante. Além do mais, fez também um papel de pai para os filhos dela, e cuidava para que não soubessem de suas obras publicadas secretamente, em especialmente “Justine” (1791). Mas Sade foi preso mais uma vez por ter-se declarado ateu radical e porque foi suspeito de ser autor de “Justine” (ROUDINESCO, 2008).

Por falta de lugar para ficar ao ser preso, Sade foi obrigado a permanecer por algum tempo nas latrinas, lugar que o mal cheiro lhe foi insuportável. Essa repugnância de Sade pelo cheiro do ambiente contrasta com os escritos de suas obras e também com a vida que levava anteriormente: em ambas situações, Sade se divertia e tinha prazer com o cheiro dos excrementos (ROUDINESCO, 2008).

No ano de 1803, era discutido qual seria a definição da loucura, na qual Sade se encaixava perfeitamente e, por esse motivo, foi mandado para o hospício de Charenton. O diretor do asilo, François Simonet de Coulmier, adotava a psiquiatria pineliana que tinha como critério um tratamento mais humanista. Foi permitido que Sade pudesse escrever e dedicar-se ao teatro. Acreditava-se que seria melhor que mobilizasse o que sentia para ajudar o ambiente asilar (os espetáculos escritos por Sade eram encenados pelos pacientes do hospício), do que então a vir se tornar o que ameaça a ser: um Dolmancé⁵. Até então, não se parecia nem um pouco com os personagens dos seus textos. Conforme as palavras de Roudinesco (2008, p. 74): “impedido pela lei de se tornar um criminoso – e incessantemente atirado à prisão pelos diferentes poderes que então se sucederam -, Sade escreveu, portanto, uma obra inclassificável”.

A arte, portanto, pode servir como uma válvula de escape para os desejos sexuais porque a pulsão pode substituir o seu objetivo por outro que não seja sexual, segundo Freud (1910). De acordo com esses relatos, será possível que a obra de Sade seja uma forma de sublimação?

Segundo Castro e Rudge (2003), se a castração foi recusada, significa que ela foi inscrita. Por esse motivo, quando ocorre alguns fracassos a essas estratégias da recusa, poderá surgir angústia para o perverso. Mantê-la afastada e conseguir lidar com a recusa demandará grande dispêndio de energia, e assim é possível evitar a castração para o perverso.

Conforme André (1995), a natureza sadiana, com a sua obrigação de gozar, acabou esbarrando em seu próprio limite quando foi encarcerado. Sade queria gozar e proibia qualquer coisa de colocar algum obstáculo nesse seu gozo destrutivo. Conforme o autor, Sade almejava o seu gozo absoluto através de sua relação com a escrita.

Sade apresentou uma relação forte com a literatura e esse hábito aconteceu quando teve que passar longos períodos de sua vida enclausurado e, como consequência, conforme Barbieri (2009), foi impossibilitado de realizar o ato. Talvez nesse contexto haja uma hipótese de que possa ter encontrado uma outra maneira de renegar a castração, utilizando como um meio de satisfação as suas obras que podem revelar-se como criação, como objeto representativo da Coisa.

Lacan (1959-1960), ao falar sobre Sade, relatou que para atingir absolutamente *das Ding*, este escritor utilizou essencialmente a dor, o que seria a dor de outrem e igualmente a dor própria, pois são apenas uma ou então a mesma coisa. Conforme Roudinesco (2008), o Marquês

⁵ Principal personagem de “A Filosofia na Alcova” (1795), conhecido por suas condutas depravadas.

utilizou em suas obras o máximo possível da capacidade para destruir o ser humano e então fazer-se gozar com o sofrimento e a morte deste.

Sade (1795) inicia “A Filosofia na Alcova” dizendo que é necessário seguir as condutas de Dolmancé, e ir tão longe quanto ele, este que é descrito como: “o homem mais imoral, a corrupção mais completa e integral, o mais celerado dos indivíduos que possam existir [...]” (p.5). Ao longo da obra, descreve sobre como se deve buscar o excesso de um gozo transbordante:

Eugénie, seu corpo é a coisa que mais lhe pertence na terra, você tem pleno direito de gozá-lo e de fazer gozar a quem bem lhe parecer. Aproveite o melhor tempo da vida, são tão curtos os anos felizes da juventude!

Quando a mãe de Eugénie aparece na Alcova para buscar a sua filha, os integrantes a esperam para torturá-la e mais adiante Eugénie tenta demonstrar que entendeu as lições ministradas principalmente pelo Dolmancé:

Eis aqui minhas nádegas, mãezinha. Estão ao nível da sua boca, beije-as, sugue-as, é tudo quanto posso fazer para seu bem-estar. Dolmancé, lembre-se de que serei sempre digna do título de sua disciplina (SADE, 1795, p.78).

Após a mãe de Eugénie ser torturada e humilhada, uma última sentença é exigida: depois de sua mãe ser contaminada com Sífilis, é necessário que Eugénie costure a vagina de sua mãe. Então Dolmancé termina o diálogo dizendo: “Mirvel, reconduza essa puta e não a foda mais; lembre-se de que está contaminada” (SADE, 1795, p. 82).

Para Vallas (2001), o que Sade apresenta em suas obras é uma conduta sexual não sublimada, pois o que almeja é alcançar um gozo sem obstáculos. Assim, desde o início de “Filosofia na Alcova” (1795), a intenção é transgredir todos os limites da natureza, os heróis de Sade se colocam com uma maldade extrema que se situaria no lugar da Coisa, encontrando assim satisfação nos corpos submetidos aos seus caprichos.

Porém, Sade encontra muitos obstáculos ao tentar atingir esse gozo, o que significa dizer que se o corpo for além do limite, acaba se despedaçando, conforme relata Lacan (1959-1960, p. 242) ao comentar sobre as obras de Sade: “Quando se avança na direção desse vazio central, dado que é, até agora, sob essa forma que se apresenta para nós o acesso ao gozo, o corpo do próximo de despedaça”.

É o que se diz a respeito de Dolmancé, que após transgredir todas as leis, acaba obrigando-se concluir que é inútil querer gozar através da mãe, pois esta sempre será proibida.

O que nos mostra que o gozo é um mal para o sujeito, porque está relacionado com a sua própria abolição.

Com a vagina da mãe costurada, Lacan (1963) entende que a mãe continua proibida, o que refere a confirmação de que o perverso está incluído na Lei, mas tenta recusá-la, e explica que é desnecessário o desgaste do perverso para não se deparar com a falta, pois, no auge da sua fantasia, o perverso acaba se deparando com a barreira imposta pela castração.

De acordo com Metzger (2014), existe certa oposição entre a sublimação e o gozo, visto que na primeira há reconhecimento social, enquanto que o gozo se apresenta como pura satisfação da pulsão, o que equivale dizer que não tem relação com o laço social, uma vez que, segundo a autora, é pura pulsão de morte. Conforme esse relato, retomamos nossa questão: será que as obras de Sade podem ser consideradas uma forma de sublimação?

Lacan (1959-1960) relata que o gozo se apresenta como a satisfação de uma pulsão, e essa pulsão está para além da tendência ao retorno ao inanimado. Sendo assim, tem uma vontade de destruição direta, uma vez que põe em causa tudo o que existe. Porém, ela também é vontade de criação a partir do nada, uma vontade de recomeçar com novos custos. Conforme Metzger (2014), essas características mostram a relação da pulsão de morte com a sublimação, pois a pulsão de morte que é capaz de criar o novo, é a mesma que satisfaz o gozo.

De acordo com Lacan (1959-1960), Sade mostrou uma teoria que, através do crime, o homem é capaz de colaborar com novas criações da natureza, possibilitando abrir-lhe um espaço, para então permitir-lhe recomeçar sua tentativa. Num trecho de “A Filosofia na Alcova”, é possível perceber a relação entre destruição e criação:

Qual, Eugénie, sendo a destruição uma das primeiras leis da natureza, tudo que destrói não pode ser crime. O que tão bem sirva à natureza não a pode ofender. Aliás essa destruição que lisonjeia o homem é uma quimera, o assassinio não é destruição; o assassino apenas varia a forma, faz voltar à natureza elementos dos quais ela se serve para recompensar outros seres. Aquele que mata prepara um gozo para a natureza, dando-lhe ocasião de criar; esses materiais, a natureza os emprega incontinenti e o assassino adquire um mérito a mais aos olhos desse agente universal. Só o nosso orgulho erigiu o assassinato em crime. Pensamos ser as mais importantes criaturas do universo e imaginamos que destruir tão sublime criatura deve ser um crime enorme; pensamos que a natureza pereceria se nossa espécie desaparecesse da terra; a inteira destruição da nossa espécie, restituindo à natureza a faculdade criadora que ela dispendeu conosco, lhe daria uma energia que lhe tiramos com a propagação da espécie (SADE, 1795, p. 25).

Conforme Lacan (1959-1960), a pulsão de morte pode ser vista através das obras de Sade como uma sublimação criacionista, pois, através de suas obras, Sade arrancou o sujeito de

suas amarras psicossociais, quer dizer, de toda apreciação psicossocial da sublimação, e assim teve como intenção valorizar socialmente seu extravagante sistema.

De acordo com o que foi abordado, é possível uma relação entre a sublimação e a perversão?

Segundo Martinho (2011), o perverso, por usar o mecanismo da recusa, foi capaz de se afastar do referencial fálico e produzir a partir do vazio. Assim, conforme a autora, há uma aproximação entre a recusa e a sublimação, pois ambas são formas de satisfação da pulsão que não requerem o recalque secundário. Embora na perversão haja o recalque primário, no lugar do secundário, há a recusa como mecanismo de negação da castração, assim o gozo é obtido pela sublimação ou pelo fetiche (MARTINHO, 2011).

Lacan (1968-1969, p. 341) ressalta que: “a sublimação, por sua vez, é própria daquele que sabe contornar aquilo a que se reduz o sujeito suposto saber. Toda criação artística situa-se nessa demarcação do que resta de irreduzível no saber como distinto do gozo”.

Sendo assim, a sublimação é própria daquele que consegue contornar o irreduzível no saber, o que exige uma necessidade de um domínio do gozo que adquire através de um saber e, conforme o que foi relatado, é possível pensar numa hipótese de que o perverso seja capaz de sublimar. Pois, de acordo com Metzger (2014), a sublimação indica que é preciso certo domínio do gozo, que é muito próximo do domínio que o sujeito perverso exerce. Segundo Miller (1997), o perverso sabe o que quer e age como se não houvesse a falta, o que exige grande esforço para libertar-se dela. Desse modo, considera-se alguém que sabe a verdade do gozo. Para o perverso, o desejo é uma resposta e não uma pergunta. De acordo com Miller (1997), Sade não foi somente um sádico qualquer, pois demonstrou que sabia sobre a sua fantasia e foi capaz de elaborá-la em suas diversas obras.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, pode-se concluir que, para Freud, a sublimação é um processo que se adapta aos valores sociais. Ao relatar a problemática da sublimação e o seu valor social, Lacan (1959-1960) discorreu que se for para considerar o que Freud definiu como sublimação, isto é, a transformação da tendência sexual numa obra em que o artista será recompensado pela valorização social que lhe proporcionará a oportunidade de uma vida feliz. E, posteriormente, dando-lhe o acesso à satisfação da tendência interessada no início, a obra de Sade, nessa perspectiva, é um fracasso, pelo motivo que o levou a ficar tanto tempo recluso na prisão e nas

casas especializadas, num determinado momento em que foi suspeito de ser o autor de uma de suas obras que escrevia clandestinamente.

Lacan acrescentou que a sublimação pode ser vista como uma criação de um novo valor social, e é o que Sade propõe fazer ao longo dos seus textos os quais consistem na ruína das autoridades, preconizando o incesto, o adultério e tudo o que for semelhante, com a intenção de ser o grande domesticador de todas as perversões. De fato, quem já leu alguma obra do Marquês não tem como negar em como ele sustenta de uma forma extraordinária as suas ideias e dá todo um sentido para as atrocidades que estariam ligadas à felicidade do homem.

No entanto, Freud e Lacan acreditam que é possível haver uma satisfação mesmo quando há uma mudança no alvo da pulsão. O que é curioso a respeito de Sade. Conforme foi relatado, começou a elaborar suas obras literárias quando estava preso e a partir daí a sua relação com a escrita foi intensa, nunca mais deixou de escrever e conseqüentemente mudou seu comportamento.

Segundo o que foi descrito, a sublimação é um conceito complicado de definir, pois há impasses a seu respeito e concluir se o que Sade fez foi sublimação é uma tarefa difícil. Mas é válido levar em conta que o período no qual foi preso estava em sua disposição apenas praticar onanismos e então resolveu escrever as mais inclassificáveis obras. Conforme Roudinesco (2008, p. 62) “[...] passou de abjeção à sublimação, da barbárie pulsional à elaboração de uma retórica da psicanálise”.

Seja como for, se o motivo de sua mudança de conduta foi pela revolução de uma época nova, ou pelas suas obras que serviram de muleta, e talvez por sua própria condição de saúde – não há como negar, conforme relata Miller (1997), que as obras do Marquês de Sade são uma verdadeira obra de arte. Igualmente ressalta Roudinesco (2008, p. 13):

Que faríamos sem Sade, Mishima, Jean Genet, Pasolini, Hitchcock e muitos outros, que nos deram as obras mais refinadas possíveis? Que faríamos se não pudéssemos apontar como bodes expiatórios – isto é, perversos – aqueles que aceitam traduzir em estranhas atitudes as tendências inconfessáveis que nos habitam e que recalamos?

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1]. ANDRÉ, S. **A impostura perversa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- [2]. BARBIERI, C. P. Perversão, humor e sublimação. **Estud. Psicanal**, Belo Horizonte, n.32.nov. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372009000100005> Acesso em: 10 out. 2016.
- [3]. BARRETO, C. M. E.; ADEODATO, T. R. T. O perverso e a Lei. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.3n.2, p.93-98, jul./dez./2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/psicologiaufc/article/viewFile/127/123>> Acesso em: 05 mar.2017.
- [4]. BRAUSTEIN, N. **Gozo**. São Paulo: Escuta, 2007.
- [5]. CASTRO, S. L. S.; RUDGE, A. M. Perversão e ética na clínica psicanalítica. **Revista Mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. III, n. 1, p. 78 – 95, mar. 2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v3n1/04.pdf>> Acesso em: 20 out. 2016.
- [6]. CHAVES, M. E. "Père-version" Perversão, perversões... "Père-version", pères-versions... Versões do pai. **Reverso**, Belo Horizonte, v.26, n.51, dez. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952004000100010#2> Acesso em: 24 maio 2017
- [7]. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- [8]. FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standard Brasileira, vol. VII**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- [9]. _____ (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standard Brasileira, vol. XI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- [10]. _____ (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standard Brasileira, vol. XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- [11]. _____ (1927). Fetichismo. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standard Brasileira, vol. XXI**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- [12]. _____ (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standard Brasileira, vol. XXI**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- [13]. LACAN, J. (1959-1960). **O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

[14]. _____ (1968-1969). **O Seminário, Livro 16**: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

[15]. _____ (1963). Kant com Sade. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 765-803.

[16]. MARTINHO, M. H. C. **Perversão**: um fazer gozar. Tese (Doutorado em Psicanálise). Instituto de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.339p..Disponível em:
<http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3648> Acesso em: 10 maio 2017.

[17]. METZGER, C. **O estatuto teórico-clínico da sublimação no ensino de Jacques Lacan**: sublimação como tratamento do gozo. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. 227p. Disponível em:<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde25112014113017/ptbr.php>> Acesso em: 20 nov. 2016.

[18]. MILLER, J.A. (1985). Sobre Kant com Sade. In: **Lacan Elucidado**: Palestras no Brasil. Rio de Janeiro: 1997, p. 153-218.

[19]. ROUDINESCO, E. **A parte obscura de nós mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

[20]. SADE, Marquês de (1795). **A Filosofia na Alcova**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

[21]. SPAIRANI, A. P. A perversão como estrutura. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 6, n. 3, p. 43-69, 2003. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v6n3/1415-4714-rlpf-6-3-0043.pdf>> Acesso em:23 mar. 2017.

[22]. VALAS, P. **As dimensões do gozo**: do mito da pulsão à deriva do gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Recebido em 31/03/2020
Aprovado em 24/06/2020
Received in 31/03/2020
Approved in 24/06/2020